

Utopia ou distopia?

A ansiedade e o vazio em *Schimmernder Dunst über CobyCounty* de Leif Randt

[Utopia or dystopia? Anxiety and emptiness in Leif Randt's *Schimmernder Dunst über CobyCounty*]

Valéria Sabrina Pereira¹

Abstract: In *Schimmernder Dunst über CobyCounty* (2011), Leif Randt presents a county that seems to be a perfect representation of a consumerist utopia: located on the shore, CobyCounty is characterized by abundant parties, consumerism and wellbeing. The book, however, is narrated by a young man tormented by the possibility of a coming catastrophe, since his best friend left town, following his mother's advice – a woman that had joined an esoteric religion. If the perfect functioning of this society is very similar to an utopia, the fear of an announced catastrophe brings the work closer to a dystopia. Other than both genders, the narrative does not present any centralizing kind of power – even if consumerism and advertisement are frequently mentioned. In this article, *Schimmernder Dunst über CobyCounty* will be presented in the light of utopia and dystopia studies. Its bonds to the present time will be emphasized, mostly the dichotomy between the comfort society produced by the advanced technological development and the necessity to avoid the excesses that produced by the same society in the name of a possible ecological catastrophe, that has been announced by scientists and activists, but that still does not affect people's life directly.

Keywords: Utopia; dystopia; contemporary fiction, consumerism

Resumo: Em *Schimmernder Dunst über CobyCounty* (2011), Leif Randt apresenta um condado que seria a mais perfeita representação de uma utopia consumista: localizado à beira-mar, CobyCounty é um lugar de festas abundantes, consumo e bem-estar. O livro, contudo, é narrado por um jovem atormentado pela possibilidade de uma catástrofe que se aproxima, desde que seu melhor amigo abandonou a cidade, ouvindo os conselhos da mãe que se afiliou a uma religião esotérica. Se a perfeição do funcionamento dessa sociedade se aproxima muito de uma utopia, o temor de uma catástrofe anunciada aproxima a obra de uma distopia. Deve-se notar, no entanto, que, ao contrário de utopias e distopias, a obra não apresenta uma força centralizadora de poder – mesmo que a menção ao consumismo e às propagandas seja frequente. Neste artigo, *Schimmernder Dunst über CobyCounty* será apresentado à luz dos estudos da utopia e distopia, enfatizando seus laços com o tempo atual, marcado pela dicotomia entre a sociedade de conforto produzida pelo alto desenvolvimento tecnológico e a necessidade de se evitar os

¹ Pós-doutoranda em Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais, doutora em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo. Email: valeriasabrinap@gmail.com

excessos produzidos por essa mesma sociedade em nome de uma possível catástrofe ecológica, anunciada por cientistas e ativistas, mas da qual não se percebe o impacto diretamente.

Palavras-chave: Utopia; distopia; literatura contemporânea; consumismo

Schimmernder Dunst über CobyCounty

Schimmernder Dunst über CobyCounty [Névoa translúcida sobre CobyCounty, 2011] de Leif RANDT é narrado pelo agente literário de 26 anos, Wim Endersson. No livro, ele apresenta o cotidiano em sua cidade natal CobyCounty, cidade balneária, destino de diversos turistas. O condado é a representação de uma espécie de utopia consumista: oferece um grande número de excelentes festas, seus habitantes são abastados, além de serem descritos como pessoas de estilo, belas e etnicamente heterogêneas, tolerantes com as diferentes orientações sexuais, sendo muitos deles adeptos do relacionamento aberto.

A felicidade e a festividade aparentemente constantes são determinadas por políticas públicas e tradições regionais, em todas as esferas. Entre os exemplos, há as eleições, que não são obrigatórias, mas contam com grande adesão devido à boa música e à distribuição de doces e bebidas alcólicas. Os turistas também são obrigados a entrar no clima festivo desde a sua chegada, quando esperam por suas malas, que não são entregues em uma tediosa esteira, mas na pista de dança do aeroporto. As celebrações incessantes estendem-se até mesmo aos funerais: “Quando um habitante de CobyCounty morre, há na maioria dos casos uma festa, na qual se chora primeiro e depois se dança freneticamente.”² (RANDT 2012: 69 – todas as traduções são da autora. V.S.P.)

A glória do condado é resultado do investimento empresarial dos meio-irmãos Jerome Coleman e Steven Aura, cuja indústria de cosméticos Coleman&Aura teria atraído grandes investimentos para a região. Em um ponto mais adiantado do livro, o leitor obtém a informação de que eles também estão ligados à política, quando um

² "Wenn ein Bewohner von CobyCounty stirbt, gibt es meistens ein Fest, auf dem zuerst geweint und später frenetisch getanzt wird." (RANDT 2012: 69)

amigo de Wim afirma: “[...] hoje eu também votei contra o clã familiar AuraColemen.”³ (152) A relação entre o candidato à reeleição, Peter-Stanton, e os irmãos Aura e Coleman não é explicada em nenhum momento, mas a menção a um “clã” deixa claro que não se trata de um caso isolado.

Logo no segundo capítulo, o protagonista assiste a um documentário francês que critica esse estilo de vida leviano. O filme, sobre o qual não se obtêm muitas informações e que é mencionado apenas essa única vez, é homônimo do livro, o que induz a alguns paralelos. Em *Schimmernder Dunst über CobyCounty*, a vida no condado também é apresentada em seus mais diversos aspectos. A névoa que paira sobre essa vida feliz fica a cargo do narrador Wim, que atravessa uma fase de crise, em parte devido ao término de seu namoro (e a desorientação sobre como reagir em um momento que deveria ser marcado pela tristeza) e, principalmente, porque seu melhor amigo, Wesley, abandonou a cidade respondendo aos apelos de sua mãe, uma esotérica que afirma prever uma grande catástrofe se aproximando de CobyCounty.

De forma geral, as críticas são sempre oriundas de fora do condado, como no caso do documentário francês ou da mãe de Wesley, que foi morar nos EUA, seguindo uma religião intitulada Neo-Espiritualismo. Wim também menciona críticas “internacionais”, como as que acusam Coleman&Aura de ser um “conto de fadas industrial questionável” [“ein fragwürdiges Industriemärchen”] (21), ou as críticas aos textos literários produzidos no condado: “Há anos circula na imprensa internacional a opinião de que os textos de CobyCounty são estilisticamente perfeitos, mas que lhes falta a miséria existencial.”⁴ (50). Como aponta a última crítica, não apenas os textos, mas toda a vida em CobyCounty seria perfeita, mas desprovida de qualquer profundidade.

Wim passa o livro fazendo ponderações sobre a vida no condado, mas sem nunca censurá-la. Pelo contrário, ele tende a se ater a antigas convicções. Um caso exemplar é o momento no qual ele elogia a recepcionista do hotel onde sua mãe mora:

Eu, com certeza, conheço a Pia já faz cinco anos. Ela está absolutamente feliz com o seu trabalho e os hóspedes gostam dela, pois seu sorriso é cativante e o seu *outfit* é sempre

³ “[...] ich habe heute ja auch gegen den Familienclan AuraColemen gestimmt.” (152). Quando nos referirmos ao livro de RANDT (2012), serão indicados apenas os números de página.

⁴ “In der internationalen Presse kursiert seit Jahren die Ansicht, dass die Texte aus CobyCounty stilistisch zwar perfekt seien, dass ihnen jedoch der Bezug zu existenzieller Not fehle.” (ibid.: 50)

Pereira, Valéria S. - Utopia ou distopia?

bem composto. Eu peço um chá gelado e tenho a impressão de que Pia tem uma aparência cada vez melhor conforme fica mais velha. Hoje ela é mais atraente do que há dois anos, e há dois anos era ainda mais atraente do que há quatro. Talvez esse desenvolvimento continue até os 33 anos; a partir de então Pia também irá depender de uma iluminação favorável em cada foto, como todas as garotas. Se o mesmo vale para nós, garotos, não posso dizer. Parto do princípio de que nosso envelhecimento ocorre de forma mais vantajosa.⁵ (36)

Após fazer essas considerações, Wim nota que Pia parece mais alta do que antes e suspeita que, na verdade, se trate de mulheres diferentes – o que ele comprova em uma conversa com a mãe (que sequer sabe o nome dessa funcionária e a chama de “nova Pia”). A verdadeira Pia voltará a figurar mais adiante na história, em uma festa *underground*, agora já apresentando rugas. Mas a descoberta de que Pia foi praticamente descartada após envelhecer poucos anos e o impacto que esse julgamento estético possa ter sobre mulheres não causam nenhuma reação ou incômodo ao narrador. Pelo contrário, o que causa incômodo é justamente o envelhecimento de Pia.

A comparação entre *Schimmernder Dunst über CobyCounty* e a obra fundadora da nova literatura *pop* alemã, *Faserland* (1995), de Christian KRACHT, é praticamente inevitável. Em *Faserland*, um jovem, filho de pais ricos, narra sua viagem através da Alemanha, durante a qual ele frequenta diversas festas e presencia excessos no uso de álcool e drogas, além de comportamento promíscuo. Ambas as histórias são narradas a partir da perspectiva de um protagonista entediado que, apesar do conforto, das festas e do consumo de álcool, não consegue preencher uma certa sensação de vazio que o acompanha ao longo do livro. Os protagonistas também se assemelham devido à tentativa recorrente de descobrir a forma certa de se portar: enquanto o narrador de *Faserland* frequentemente se recrimina por suas ações, afirmando que as mais diferentes situações foram constrangedoras (“*peinlich*”), Wim procura sempre agir da forma que acredita ser esperada dele, mesmo que isso se dê de forma artificial:

“*Por que você está chorando?*”, pergunta um jovem que deveria ter onze anos e parece estar indo para um treino de basquete. Eu não reprimo meus soluços, eu respondo:

⁵ "Ich kenne Pia bestimmt schon fünf Jahre lang. Sie ist absolut glücklich mit ihrem Job und die Hotelbesucher mögen sie, denn ihr Lächeln ist einnehmend und ihr Outfit immer gut zusammengestellt. Ich bitte um einen Eistee und habe das Gefühl, dass Pia mit steigendem Alter immer besser aussieht. Sie ist heute attraktiver als vor zwei Jahren und war vor zwei Jahren schon attraktiver als vor vier Jahren. Eventuell wird sich diese Entwicklung bis dreiunddreißig fortsetzen, ab dann wird aber sicher auch Pia bei jedem Foto auf günstige Lichtverhältnisse angewiesen sein, so wie eigentlich alle Mädchen. Ob für uns Jungs dasselbe gilt, kann ich nicht sagen. Ich gehe aber davon aus, dass unser Älterwerden vorteilhafter verläuft." (36)

Pereira, Valéria S. - Utopia ou distopia?

“Provavelmente para que eu passe uma imagem levemente dramática diante de mim mesmo. Para reagir de forma adequada.”⁶ (RANDT 2012: 66-67)

Como pontos distintivos deve se citar o fato de que Wim não causa tanto repúdio quanto o protagonista de *Faserland* (um ricoço alcoólatra, egoísta e negligente) e que todos os produtos apresentados em *Schimmernder Dunst über CobyCounty*, assim como o próprio condado, são fictícios, enquanto Kracht se esmerou na enumeração de marcas e lugares reais. Mas o principal diferencial é a origem da ansiedade em cada obra: enquanto ela é causada pelas experiências vivenciadas pelo protagonista (e vagas lembranças do nazismo) em *Faserland*, Wim não tem razões concretas para se preocupar além das previsões da mãe de seu amigo Wesley, que fazem com que ele espere por um acidente a cada instante:

Quando eu passo pela ilha de tráfego diante do meu apartamento, temo que a escultura de um shampoo ali instalada seja arrancada de seu pedestal e me mate com um golpe. Mas eu sei que em princípio as esculturas de Coleman&Aura, com seu núcleo de espuma e o fino revestimento de papel machê, não são, de forma alguma, pesadas o suficiente e são, de fato, seguras.⁷ (24)

Sempre que Wim demonstra medo ou confusão seus pensamentos são corrigidos quase que imediatamente e são substituídos por uma visão mais positiva, colorida e quase propagandística do que está sendo abordado.

A catástrofe anunciada parece estar próxima de se concretizar em vários momentos, a citar, em um sério acidente de trem (que não tem feridos), em um incêndio na colina Coleman (no qual nenhuma casa valorosa foi danificada, apenas as “vazias e feias”) ou em um temporal de grandes dimensões que se aproxima da cidade e causa a sua evacuação ao final do livro.

Com tais características, a obra parece se localizar em uma fronteira entre utopia, distopia e apocalipse, uma vez que se prevê uma grande destruição para a cidade. A obra foi chamada de “assustadora” por críticos como Elmar KREKELER, e

⁶ “*Warum weinst du?*”, fragt ein Junge, der gefühlte elf Jahre alt ist und aussieht, als ginge er gerade zu seinem Basketballtraining. Ich unterdrücke mein Schluchzen nicht, ich antworte: “*Wahrscheinlich, um vor mir selbst ein leicht dramatisches Bild abzugeben. Um angemessen zu reagieren.*” (RANDT 2012: 66-67)

⁷ “Als ich die Verkehrsinsel vor meiner Wohnung passiere, fürchte ich, dass die dort installierte Shampooskulptur vom Sturm aus ihrer Haltung gerissen werden und mich erschlagen könnte. Dabei weiß ich grundsätzlich, dass Coleman&Aura-Skulpturen mit ihren Schaumstoffkernen und den dünnen Pappmachéüberzügen dafür gar nicht schwer genug und eigentlich sicher sind.” (24)

chegou a entrar para a lista de romances distópicos de um site especializado no gênero (<dystopischeliteratur.org>, 01/06/2014). Porém, essa visão não é compartilhada por todos, incluindo o autor, que, em entrevista a Timo FELDHAUS (2011), afirmou: “Mas eu acho a maioria das atribuições positivas.”⁸

É fato que a obra não pode ser claramente classificada em nenhum desses grupos, mas apresenta inegáveis semelhanças com cada um deles. A observação dessas semelhanças e diferenças pode ser um importante indicador das intenções da obra, mais do que o simples julgamento moral de seus aspectos. Assim, as características ligadas aos gêneros em questão serão discutidas a seguir:

Utopia

Independentemente do entendimento geral da obra, CobyCounty é o que se pode definir como uma “utopia consumista”, como mencionado no início do artigo, com habitantes que parecem conduzir uma vida feliz, baseada no consumo de produtos e serviços oferecidos pela cidade – como em um comercial televisivo. Além disso, sua organização social prima pela coletividade, como é típico de obras de utopia. Mas a coletividade não é imposta por leis rígidas; pelo contrário, ela se traduz em festas e eventos, e também pode ser percebida, por exemplo, nas reflexões de Wim sobre o uso do transporte público: “Mas eu tenho a sensação de que andei muito a pé ultimamente. Quem só anda se torna independente demais e talvez perca em algum momento a conexão com a comunidade. [...] As viagens de bonde, na verdade, só são cobradas na primavera.”⁹ (RANDT 2012: 41). Embora haja livre escolha, Wim apenas intui qual seria o comportamento adequado e se esforça para seguir esse padrão. Em nenhum momento as ações são guiadas por uma rígida organização política – como seria o caso na maioria das utopias –, mas pelo fato de que agir da forma esperada nessa sociedade traz prazer. Esse é o caso nas eleições, que oferecem bebida de graça, mas também na relação com o trabalho:

⁸ "Aber die meisten Zuschreibungen finde ich schon mal positiv."

⁹ "Aber ich habe das Gefühl, dass ich in letzter Zeit zu viel auf den Füßen unterwegs war. Wer immer nur läuft, macht sich zu unabhängig, der verliert vielleicht irgendwann den Bezug zur Gemeinschaft. [...] Tramfahrten sind eigentlich nur im Frühling kostenpflichtig." (RANDT 2012: 41).

Quem fica um tempo sem emprego ou se decide deliberadamente por não trabalhar, recebe um salário do governo, mas quase ninguém faz uso desse salário. Seja porque as posses da família são absolutamente suficientes, seja porque simplesmente se ama seu trabalho demais para abandoná-lo por um salário doado pelo governo.¹⁰ (125)

Não há uma rígida ética de trabalho, e sim a paixão pelo que se faz, porque trabalhos como o de Wim, agente literário, desenvolvem-se de tal forma que o gozo se dá através da própria execução do trabalho. A descrição oferecida pelo protagonista, contudo, indica que não se trata de um narrador confiável. Sua perspectiva foca apenas em um recorte da sociedade, sobre o qual se deveria crer que todos que exercem tarefas mais baixas ou tediosas (ou seja, as pessoas de baixa renda) morariam fora do condado, ou que o narrador não é capaz de enxergá-las ao seu redor. Para Wim, quem não leva uma vida de *glamour*, ou se esforça em vão para atingi-la, parece não existir.

Não é exagero afirmar que todas as obrigações ou tarefas aborrecidas, das eleições aos funerais, sempre são travestidas de diversão. Se, por um lado, isso garante a adesão de todos a qualquer tipo de atividade proposta, sem necessidade de imposições e com a garantia de uma suposta liberdade individual, por outro, a estrutura apresentada é de opressão à individualidade, o que reforça ainda mais o aspecto coletivo. Wim questiona durante todo o livro quais são as atitudes corretas a serem tomadas e segue os padrões pré-estabelecidos. Além disso, CobyCounty produz pessoas em série. Pia, a ex-funcionária do hotel, não é a única mulher substituída por outra igual a si mesma; o próprio narrador se relaciona apenas com um tipo de mulher: “[...] jeito de menina, esguias, pele clara, bem vestidas e que, de alguma forma, aparentem ser ricas. E isso apesar de os professores da escola primária já nos terem aconselhado a não nos deixarmos levar por superficialidades, mas pelo verdadeiro caráter.”¹¹ (44) Essa breve descrição parece inofensiva, mas é reveladora quando, mais tarde, Wim encontra sua próxima namorada, uma moça idêntica à sua ex, Carla, com o mesmo nome e com o mesmo cheiro, devido ao uso do perfume StevenAuraPale. Essa moça é chamada por ele de CarlaDois (CarlaZwei), como uma simples substituição da que se foi. As pessoas

¹⁰ "Wer mal für eine Weile ohne Job ist oder sich bewusst gegen das Arbeiten entscheidet, erhält ein gewisses Gehalt von der Regierung, aber dieses Gehalt nimmt fast niemand in Anspruch. Denn entweder sind die Familienvermögen vollkommen ausreichend, oder man liebt seinen Job einfach zu sehr, als dass man ihn für ein geschenktes Regierungsgeld aufgeben wollte." (125)

¹¹ "[...] mädchenhaften, schmalen, hellhäutigen, die gut angezogen sind und irgendwie wohlhabend aussehend. Und das obwohl uns schon die Lehrer auf der Primary School geraten haben, dass wir nicht Äußerlichkeiten verfallen sollen, sondern realen Charakteren." (44)

podem ser facilmente substituídas tanto no trabalho quanto na esfera afetiva, o que é encarado pelo protagonista como uma descomplicação da vida.

A substituição demonstra, além da opressão da individualidade, qual é a atitude esperada perante aqueles que envelhecem, ou melhor dizendo, os que não envelhecem bem. A eutanásia é tematizada em uma série de utopias, como uma forma de garantir uma sociedade boa e saudável. O sacrifício da própria vida costuma ser apresentado nessas obras como um alívio do “peso para si mesmo” e um “ato glorioso” (MORUS 2012: 115). Em *CobyCounty*, a eutanásia não é sequer mencionada, pois não há necessidade para tal. Uma vez que se trata de uma sociedade fechada, basta que as pessoas que não se enquadram mais em seu padrão perfeito fiquem fora da organização, como Pia, que agora serve bebidas em festas não oficiais no condado. Essas pessoas passam a ser invisíveis, se não dentro da sociedade em si, pelo menos para o autor, que parece preferir negar sua existência. Essa atitude tampouco fere as regras de funcionamento de uma utopia, pois essas sociedades perfeitas costumam ser representadas do ponto de vista de uma elite (cf. MEYER 2001: 37), que tem poder sobre outras classes consideradas inferiores, sejam elas exteriores a essa sociedade, sejam pessoas da própria sociedade que devem ser subjugadas ao trabalho escravo.

Distopia

A distopia nasceu da crítica à utopia e às organizações de Estado utópicas, como o socialismo e o nazismo, que resultaram em Estados totalitários violentos. Por essa razão, costuma apresentar características semelhantes às da utopia, mas enfatiza o seu lado negativo e a completa perda da liberdade. Enquanto distopia, *Schimmernder Dunst über CobyCounty* guarda semelhanças com *Admirável mundo novo* (1932) de Aldous Huxley, especialmente devido ao clima de celebração que reina em ambas as sociedades e pelo valor que é conferido ao consumo. O uso de entorpecentes também é comum a *CobyCounty*, mas o álcool não é utilizado para solução imediata das tensões e dos problemas, como ocorre com a droga “soma” de *Admirável mundo novo*. Quando sozinho, Wim vive seus questionamentos sem fazer uso do subterfúgio; é apenas em grupo, nas festas, que ele e todos os presentes bebem em excesso, como forma de

potencializar a alegria. Por fim, CobyCounty também é uma estrutura social que utiliza ferramentas cujo efeito se aproxima da lavagem cerebral, sendo a principal delas a propaganda. Os produtos e as propagandas de Coleman&Aura estão presentes em todo o livro e surtem efeito, como se observa no seguinte diálogo:

Quando me vê, ela vai para a ilha de tráfego e posa como escultura de propaganda. [...] “*Estranho que eles não construam nada de novo aqui*”, disse ela. Eu respondi: “*Eu acho que esse negócio de propaganda acabou. A maioria das pessoas certamente sabem que os shampoos de Coleman&Aura são simplesmente os melhores.*” Enquanto estou falando, simplesmente não sei porque dou uma entonação sarcástica para a minha frase. Porque, na verdade, realmente acho que os Shampoos de Coleman&Aura são os melhores.¹² (RANDT 2012: 53)

A propaganda é parte presente e constante da vida no condado, a tal ponto que seus habitantes sentem falta quando ela se faz ausente; por outro lado, já incorporaram sua mensagem como uma verdade. Apesar de Wim, no decorrer do livro, confrontar-se com produtos Coleman cujo odor ele acha desagradável, isso não representa qualquer tipo de mudança intrínseca em seu modo de vida ou na opinião que tem sobre a firma. Além disso, a lavagem cerebral em CobyCounty parece se estender à esfera escolar, pois a forma como os irmãos Coleman e Aura transformaram beneficentemente a cidade é algo que Wim menciona conhecer de suas aulas de História (21).

No que diz respeito a sua estrutura, *Schimmernder Dunst über CobyCounty* apresenta mais semelhanças com uma distopia. As obras de utopia tendem a seguir o padrão criado por *Utopia* (1516) de Thomas Morus, onde um viajante chega a terras desconhecidas e se maravilha com uma sociedade bem ordenada que encontrou soluções para a maioria dos problemas com os quais o protagonista tem de lidar em sua terra natal. Entretanto, como as distopias se passam em um Estado totalitário completamente fechado, seus protagonistas não são viajantes, mas habitantes da região que se apresentam como *outsiders*. O protagonista costuma ter sido criado dentro dessa organização opressora e aos poucos questiona o funcionamento da sociedade em um processo de despertar. Wim nasceu em CobyCounty e não conhece bem o mundo lá fora, desconhecimento que é descrito por ele em uma das epígrafes do livro: “Quando

¹² "Als sie mich sieht, betritt sie die Insel und posiert als Werbeskulptur. [...] “*Komisch, dass die hier nichts Neues hinbauen*”, sagte sie. Ich antwortete: “*Ich glaube, das mit der Werbung hat sich erledigt. Die meisten wissen jetzt wohl, dass die Shampoos von Coleman&Aura einfach die besten sind.*” Während ich rede, weiß ich gar nicht, warum ich meine Sätze sarkastisch betone. Denn eigentlich halte ich die Coleman&Aura-Shampoos ja tatsächlich für die besten." (RANDT 2012: 53)

nós éramos as crianças de CobyCounty, ainda não sabíamos que estávamos vivendo em um dos melhores lugares do mundo. Hoje temos ideia disso. Mas isso não torna as coisas mais fáceis.”¹³ (RANDT 2012: 6). Esse desconhecimento impede qualquer tipo de comparação entre dois mundos diferentes; com conhecimentos parcos de outras cidades e países, mesmo a afirmação de que CobyCounty seria um dos melhores lugares do mundo não encontra sustentação. Como os protagonistas das distopias, Wim passa por um momento de crise e se torna, temporariamente, uma espécie de *outsider*, o que o coloca em conflito com seu empregador ou outras pessoas de seu convívio devido ao seu comportamento “estranho”. O nativo do condado passa a olhar as regras de funcionamento da cidade com outros olhos e, mesmo sem concluir que há algo de ruim ou de errado nelas, expõe estruturas sociais que não são percebidas de forma positiva por todos os leitores.

Todavia, falta à obra a principal característica definidora da utopia e da distopia: CobyCounty não é um Estado totalitário. Wim tem o direito de ir e vir, seu amigo Wesley abandona a cidade quando sua mãe o chama e volta quando tem vontade. Não há nenhuma regulação sobre as escolhas individuais dos habitantes. Se Wim não deixa o condado em busca de Wesley é por escolha própria. De forma geral, a ligação dos habitantes com o condado parece ser mais definida por um estado de espírito do que por outros fatores. O pai de Wim passa anos longe do condado após um fracasso profissional, como se não fosse mais digno daquele lugar, e só retorna quando está apaixonado e envolvido com uma mulher consideravelmente mais nova (o que poderia ser compreendido como uma forma de sucesso?). Já a mãe é admirada pelo protagonista porque, mesmo deixando a cidade quando a evacuação se faz necessária, ela mantém a atitude que se espera de CobyCounty:

Na verdade, o comportamento da minha mãe não é irritante, pois mesmo dentro desse leve pânico mora um tom otimista, quase eufórico. Ela entenderia a fuga de uma formação de temporal como férias espontâneas. Minha mãe sempre será honesta consigo mesma, eu acho, ela vai continuar se iludindo para sempre.¹⁴ (RANDT 2012: 176-177).

¹³ "Als wir die Kinder von CobyCounty waren, wussten wir noch nicht, dass wir an einem der besten Orte der Welt lebten. Heute ahnen wir es. Aber das macht es nicht leichter." (6).

¹⁴ "Eigentlich ist die Haltung meiner Mutter nicht irritierend, denn auch ihrer leisen Panik wohnt ein optimistischer, fast euphorischer Tonfall inne. Die Flucht vor der Sturmfront würde sie als spontanen Urlaub begreifen. Meine Mutter wird immer ehrlich zu sich selbst sein, denke ich, sie wird sich einfach für immer etwas vormachen." (176-177)

Wim é paradoxal, sua mãe não pode ser honesta consigo mesma por ser uma pessoa que se ilude constantemente, mas, na verdade, a afirmação não trata de sua mãe como indivíduo, mas como habitante de CobyCounty. Wim admira-a porque nada coloca esse seu entusiasmo constante em cheque; sua mãe permanece agindo da forma pregada pelo condado mesmo quando é obrigada a abandoná-lo – comportamento que, segundo Wim, poderia ser entendido como irritante, pois ele está certo de que não se deve deixar CobyCounty, praticamente por uma questão de princípios, apesar do alto risco que isso representa naquele momento.

Com habitantes que mantêm essa atitude, não parece haver nada que possa desestabilizar as estruturas de CobyCounty. Ao contrário das distopias, nas quais, mesmo após o fracasso e um final sombrio, ainda há um germe de esperança indicando que mudanças são possíveis, o narrador de *Schimmernder Dunst über CobyCounty* não deseja mudanças, nem entra em contato com aqueles que estejam dispostos a trabalhar para que elas ocorram. A única coisa que poderia desestabilizar CobyCounty seria a destruição causada por fenômenos naturais anunciados para o final do livro.

Pós-apocalipse

A literatura apocalíptica e pós-apocalíptica é uma vertente da ficção científica que foi fortemente impulsionada pela Guerra Fria. O pós-apocalipse é um gênero que também tem o seu foco em estruturas sociais. Enquanto utopia e distopia apresentam sociedades estáticas, ou que apenas sofrem um nível moderado de desestabilização devido a pontos isolados de revolta, os sobreviventes de desastres de dimensões apocalípticas devem se organizar e reestruturar a sociedade em que vivem. O apocalipse é um ponto zero a partir do qual tudo deve ser repensado. A esperança não surge aqui de regras mais rígidas do Estado, nem da revolução contra as normas vigentes. Ela é resultado da completa destruição das estruturas de poder pré-estabelecidas. Também a tecnologia costuma ser completamente destruída pela guerra, ou inutilizada pela falta de pessoas que saibam operá-la. O poder deve agora ser exercido por homens comuns que precisam contar, antes de mais nada, com a capacidade de organização junto a outros sobreviventes.

Pereira, Valéria S. - Utopia ou distopia?

Schimmernder Dunst über CobyCounty certamente não é um livro pós-apocalíptico, ou sequer apocalíptico, uma vez que a catástrofe que supostamente se aproxima não só não é global como também não chega a se realizar. Mas o que o livro parece predizer é a destruição do estilo de vida pregado por CobyCounty. Para os leitores que percebem a descrição do condado como algo sinistro, sua destruição é a promessa de um novo início, algo que faria com que seus habitantes finalmente despertassem. Mas nenhuma das previsões de catástrofe se realiza: mesmo o temporal que causa a evacuação dos moradores do condado passa distante da região, sem causar qualquer dano. Não se deve deixar de levar em consideração, entretanto, que o clima tenso descrito no livro é algo atual. As críticas externas e previsões de catástrofes parecem reproduzir a ansiedade transmitida hoje por notícias, documentários independentes e até mesmo seitas.

Lançado em 2011, *Schimmernder Dunst über CobyCounty* foi escrito cerca de uma década após as especulações sobre o final dos tempos na virada do milênio e um ano antes do apocalipse maia, que deveria ocorrer em 21 de dezembro de 2012. As previsões do apocalipse, porém, não têm se limitado a alguns grupos isolados de esotéricos, mas se estendem a outras esferas. Na economia, tem se discutido que os níveis de consumo atuais não são sustentáveis e que o final do capitalismo deve estar se aproximando. Um árduo defensor dessa teoria é Slavoj ŽIŽEK, que a explicita em seu livro *Vivendo no fim dos tempos* (2012). Nas ciências, o aquecimento global é frequentemente apontado como o causador de inúmeras catástrofes naturais futuras. O livro de Randt incorpora todos esses três nichos: a mãe de Wesley é a esotérica que prevê o pior sem apontar soluções ou a origem da desgraça; as críticas internacionais ao estilo de vida leviano de CobyCounty ou ao “conto de fadas” que é a história dos irmãos Coleman e Aura correspondem às críticas à sociedade de consumo; e, por fim, a chegada da tempestade ao final do livro corresponde aos alertas de aquecimento global – observe-se que essa previsão não é isolada, mas algo presente na vida dos moradores da região, como se afirma logo no início do livro, na enumeração de críticas internacionais que o condado recebe: “Frequentemente se é alertado sobre o clima local, este poderia criar situações precárias a qualquer momento.”¹⁵ (RANDT 2012: 21).

¹⁵ "Oft wird auch vor dem örtlichen Klima gewarnt, dieses könne jederzeit prekäre Situationen erzeugen." (RANDT 2012: 21)

O que chama a atenção na narrativa desenvolvida por Randt não é o fato de ele reproduzir o clima tenso que parece ser vivido nos dias de hoje, mas sim a atitude do protagonista ao final do livro. Se as previsões da mãe de Wesley são vazias, a chegada do temporal é um aspecto mais concreto; são previsões meteorológicas feitas por cientistas que obrigam até mesmo as autoridades a uma tomada de decisão: a evacuação do condado. Mesmo assim, Wim se recusa a abandonar a região. Depois de passar toda a narrativa fazendo ponderações sobre a vida que conduz, o jovem agente literário se decide a favor dessa vida de forma tão obstinada que prefere ignorar qualquer risco e se ofende com ofertas de ajuda:

Evidentemente, Klark parte do princípio que eu estou no meu apartamento em CobyCounty e temo a formação do temporal. Em um SMS que toca suavemente, ele me oferece refúgio na sua casa: “*Os subúrbios talvez não sejam o lugar mais seguro do mundo, mas são definitivamente mais seguros do que o centro da cidade! Me alegraria em vê-lo.*” Agradeço sua oferta formalmente e a recuso, com uma gelada advertência de que sou um garoto de CobyCounty e vou continuar sendo.¹⁶ (182-183)

Para o protagonista, CobyCounty é mais do que a cidade natal, é um estado de espírito ou um estilo de vida que não pode ser traído misturando-se com o ambiente do subúrbio, mesmo que essa escolha possa lhe causar danos físicos ou custar a própria vida.

Schimmernder Dunst über CobyCounty diferencia-se de todos os gêneros aqui expostos porque lhe falta o princípio básico do impulso para a mudança. O que é apresentado, como já é indicado no início da obra, é um jovem que vive em um dos melhores lugares, mas que tem dificuldades em aceitar isso. Trata-se praticamente de uma luta interior de Wim para aceitar que esse estilo de vida é o melhor para si, apesar de todas as críticas externas, e que vale a pena se sacrificar por isso. Sua escolha a favor de CobyCounty é premiada com bom tempo e a sensação de ser acolhido pelo condado, como fica claro no diálogo final do livro:

“Você se lembra de como era ficar sozinho em casa?”, pergunta CarlaDois.

¹⁶ "Klark geht wie selbstverständlich davon aus, dass ich in meinem Apartment in CobyCounty sitze und mich vor der Sturmfront fürchte. In einer mild klingenden Kurznachricht bietet er an, dass ich in seinem Haus Zuflucht suchen dürfe: “*Die Suburbs sind vielleicht nicht der sicherste Ort der Welt, aber definitiv sicherer als das Stadtzentrum! Würde mich freuen, dich zu sehen.*” Ich danke formell für sein Angebot und sage ab, mit dem kühlen Verweis darauf, dass ich ein Junge aus CobyCounty bin und das auch bleiben werde." (182-183).

Pereira, Valéria S. - Utopia ou distopia?

“Sim, eu me lembro bem. E já fiquei triste muitas vezes porque não é possível produzir esse sentimento já que moro em um apartamento próprio.”

“Eu acho que esse sentimento voltou um pouco através da tempestade.”¹⁷ (190)

A narrativa, portanto, não trata do desejo de mudança ou de um impulso para que ela aconteça, ela é mais uma afirmação desse universo consumista que aqui se apresenta como bem sucedido (BÄBLER 2013). Como se justifica então que a leitura da obra se dê tão frequentemente por esse viés negativo?

Sociedade de conforto

Na ocasião de lançamento do livro, Lena BOPP (2011: sem paginação) do *Frankfurter Allgemeine Zeitung* afirmou que se tratava de uma “sátira a uma sociedade de bem estar ocidental” [“Satire auf eine westliche Wohlstandsgesellschaft”]. Porém, a imagem lida por Bopp como sátira é produzida por essa mesma sociedade de consumo em propagandas e até mesmo em seriados de adolescentes americanos – que também apresentam a sensação de falta de norte ou de vazio –, como *Barrados no Baile (Beverly Hills 90210)*, que foi citado pelo autor como inspiração em entrevista ao *Frankfurter Rundschau* (LOICHINGER 2013: sem paginação), ou o mais recente *The O.C.. CobyCounty* é, na verdade, a representação do estilo de vida ideal almejado pela sociedade de consumo. Leif Randt já chegou a afirmar em entrevista a *DeBug* que pessoas que veem o livro como algo perturbador são provenientes de cidades pequenas que não conhecem esses “idílios de cidade grande” [“Großstadttyllen”], “simplesmente porque essa referência da realidade lhes falta” [“einfach weil ihnen diese Bezugsrealität fehlt”] (FELDHAUS 2011: sem paginação), ou seja, CobyCounty foi criada para ser entendida como um lugar paradisíaco.

Mas se CobyCounty é a representação do Estado ideal, o que justifica o vazio e a insatisfação do narrador? Por que o condado não é apresentado de maneira tão estática quanto uma utopia? Mesmo que o livro não tenha sido redigido no intuito de servir

¹⁷ “Erinnerst du dich, wie es war, alleine zu Hause zu sein?”, fragt CarlaZwei. / “Ja, ich erinnere mich gut. Und es hat mich schon oft traurig gemacht, dass man dieses Gefühl eigentlich nicht mehr herstellen kann, seit man in einer eigenen Wohnung lebt.” / “Ich finde, durch den Sturm ist dieses Gefühl ein bisschen zurück.” (190)

como crítica ou alerta à condição na qual se vive no Ocidente, ele não deixa de ser um diagnóstico da sociedade atual. O que é apresentado aqui é a sociedade de conforto proporcionada pelo consumo. Mesmo que haja desigualdades é mantida a impressão de que é possível ter tudo – desde que se tenha dinheiro para isso. Mas o outro lado da mesma moeda é a insatisfação contínua que o consumo traz. Zygmunt BAUMAN (2009: 63) chama o capitalismo de “economia da ilusão”, porque a felicidade que pode ser comprada nesse sistema só é sedutora e interessante enquanto não pode ser obtida, enquanto ela não passa de uma possibilidade. Segundo sua teoria, a razão disso é que essa felicidade só atende ao apelo das “emoções consumistas”, mas não fala à razão. Assim, o homem da sociedade de consumo estaria condenado a girar em falso, buscando uma felicidade aparente, uma miragem que nunca alcançará.

A teoria de Bauman é reforçada pelo conceito de “sociedade da expectativa” apresentado pelo economista sueco Micael DAHLÉN. No livro *Nextopia* (2003), Dahlén apresenta o funcionamento do marketing nos dias atuais, nos quais o que é absolutamente novo é desejado por todos, e aquilo que já existe é descartado, ou perde rapidamente o valor. Seus exemplos são variados e abrangem desde os lançamentos da Apple, que contam sempre com filas de espera para a compra de um produto que sequer é conhecido, até o Nobel da Paz que foi concedido a Barack Obama antes mesmo de ele ter feito alguma coisa em seu mandato. Dahlén afirma que vivemos na sociedade na qual há a maior oferta de possibilidades para nos tornarmos felizes, mas que, ao mesmo tempo, nunca foi tão difícil continuar feliz (cf. DAHLÉN 2003: 11). De uma perspectiva um tanto determinista, Dahlén justifica esse fenômeno através da combinação do excesso de ofertas que a sociedade capitalista oferece e da constituição do ser humano, que não teria sido feito para a felicidade contínua; esta deveria sempre ser passageira de forma a garantir que o ser humano esteja sempre em movimento (ibid.: 90). Também se deve mencionar o formato no qual essa teoria é apresentada. *Nextopia* não é um livro de economia convencional; Dahlén, um dos docentes mais jovens da Economics School de Estocolmo, ofereceu uma roupagem a seu livro que pode ser definida como *pop*. O título do livro se apresenta como logotipo de uma banda de rock, a capa, os gráficos e os subtítulos têm a cor vibrante rosa, e cada capítulo é aberto por uma citação de uma banda famosa, como Kiss ou R.E.M. Não é exagero afirmar que *Schimmernder Dunst über CobyCounty* e *Nextopia* são frutos de uma mesma cultura *pop* que se desenvolve

na atualidade. Além disso, a conclusão de ambos os livros parece apontar a uma mesma direção. O economista Dahlén demonstra estar consciente das críticas que se fazem ao consumo desenfreado e do impacto que isso tem no meio-ambiente, mas a resposta que ele oferece no prólogo de seu livro, em um tom surpreendentemente despreocupado,¹⁸ é que o processo por ele descrito nunca terá fim devido à constituição humana e, sobre a possibilidade de a natureza conter esse processo, seu posicionamento é de que “a natureza só pode mudar a figura esboçada nesse livro nos matando.”¹⁹ (ibd.: 197).

A tranquilidade com a qual Dahlén menciona o fim da humanidade como a única possibilidade de parar esse incessante processo de consumo não difere em muito da atitude de Wim, que prefere se colocar em uma situação de alto risco a deixar CobyCounty. Em menores proporções (pois o que está sendo debatido não é o final da humanidade, mas a situação social em geral), Bauman também enxerga essa atitude na sociedade de conforto, ao afirmar que há uma escassez de aspirantes a revolucionários: “Não há mais ninguém que gostaria de melhorar o seu próprio destino através de uma mudança das circunstâncias sociais.”²⁰ (BAUMAN 2003: 12). O nível de conforto atingido na sociedade atual parece ter uma espécie de efeito imobilizador, pois a qualidade de vida atingida teria um valor maior do que qualquer outro; ela valeria o sacrifício. A impressão de que se goza do livre-arbítrio, como Wim, que poderia deixar o condado quando quisesse, basta. Esse aspecto não está presente apenas no livro de Randt. Slavoj Žižek aponta traços semelhantes mesmo em uma obra distópica como *The Matrix*. Apesar de a temática da série *The Matrix* ser a necessidade de uma revolução, o terceiro filme conclui a história com um trato entre humanos e máquinas, no qual os humanos podem decidir se preferem partir ou continuar vivendo na Matrix (*apud* PAIK,

¹⁸ Enquanto Dahlén faz uma análise determinista do assunto, sem se aprofundar na possibilidade de que o consumo possa ser prejudicial, como é defendido por alguns pensadores, há uma série de outros acadêmicos da atualidade que defendem que essa relação negativa com o consumo seja repensada. Norbert BOLZ, em *Das konsumistische Manifest* (2012), defende que o consumismo poderia ser uma forma eficiente de se evitar o fanatismo religioso. Werner PLUMPE afirma que é necessário se lutar contra o “terror consumista” criado por Ludwig Erhard e Theodor W. Adorno e, em “Konsum. Ökonomiekolumne” (2013), aponta os lados positivos do consumo que foram trazidos durante a Revolução Industrial, dando destaque à relação com o trabalho que passou a ser realizado de forma voluntária, tendo em vista o que poderia ser adquirido através dele. Por fim, Remigius BUNIA escreveu o artigo “Die dreckigen Dinge” (2013), no qual defende o prazer nos objetos, em possuir coisas, e critica tanto o marxismo quanto o capitalismo por julgarem as coisas apenas por seu valor econômico, reduzindo-as a produtos, sem levar em consideração a sua relação desses objetos com o ser humano.

¹⁹ “Die Natur kann das in diesem Buch entworfene Bild nur verändern, indem sie uns tötet.” (ibd.: 197).

²⁰ “Es gibt niemanden mehr, der sein eigenes Schicksal durch eine Änderung der gesellschaftlichen Verhältnisse verbessern möchte.” (BAUMAN 2003: 12).

2010: 126-127). As condições de vida degradantes daqueles que servirão de alimento às máquinas pouco importa, uma vez que há o suposto livre-arbítrio. Mas CobyCounty não é degradante:

A verdade: Eu estou comendo uma pizza fenomenal e recebo a apresentação de jogos fantásticos dos melhores times do mundo. A imagem da minha tela de tevê é de alta-definição, e através da porta da sacada aberta sopra um vento suave. Por fim, não me resta nada além de aceitar essa situação.²¹ (RANDT 2012: 68).

Em oposição à vida tranquila que Wim leva, há críticas e previsões que se mostram todas infundadas. As críticas equivalentes na sociedade atual podem não ser infundadas, mas carregam algo de abstrato, seja porque os consumidores não conseguem entender o que há de errado com seu modo de vida, seja porque as previsões de catástrofes climáticas devido ao aquecimento global dizem respeito a acontecimentos que só vão se realizar de forma palpável daqui a décadas, além de serem contestadas por alguns cientistas céticos. Como o perigo não é claro, não passa de uma sombra, ou de uma névoa como a que é percebida por Wim, a tendência é que não haja ações concretas. Na sociedade de conforto, não há o impulso para a revolução, porém mais uma tendência, como a de Wim, de ouvir as críticas, ignorá-las e prosseguir com a vida habitual, confortavelmente, esperando pela concretização (ou não) das previsões apocalípticas feitas pelos cientistas. *Schimmernder Dunst über CobyCounty* não pode ser enquadrado nos padrões da utopia ou da distopia, porque não é uma obra de caráter didático, não incita o leitor à ação. A catástrofe anunciada nunca chega, o temporal não se forma sobre o condado. *Schimmernder Dunst über CobyCounty* é apenas um diagnóstico da situação atual de nossa sociedade, mas não uma crítica – mesmo que possa ser lido dessa forma por todos aqueles que acreditam que a catástrofe ainda está por vir.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Flüchtige Moderne*. Trad.: Reinhard Kreissl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.
- _____. *Leben als Konsum*. Trad.: Richard Barth. Hamburg: Hamburger Edition, 2009.

²¹ "Die Wahrheit: Ich esse eine phänomenal gute Pizza und bekomme fantastische Spielzüge von den besten Vereinsmannschaften der Welt präsentiert. Das Bild auf meinem TV-Schirm ist hochauflösend, und durch die geöffnete Balkontür weht ein milder Wind. Letztlich bleibt mir ja auch gar nichts anderes übrig, als diesen Zustand hinzunehmen." (RANDT 2012: 68).

- BABLER, Moritz. Neu-Bern und CobyCounty – paralogische Orte in der Gegenwartsliteratur. Palestra proferida no 1º *Simpósio de Literatura Alemã*. São Paulo: FFLCH-USP, 16/10/2013.
- BOLZ, Norbert. *Das konsumistische Manifest*. München: Wilhelm Fink, 2012.
- BUNIA, Remigius. Die dreckigen Dinge. In: *Merkur* 10/11, 2013, 980-991.
- BOPP, Lena. Leif Randt: Schimmernder Dunst über CobyCounty. Die fetten Jahre sind die besten. In: *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. Frankfurt: FAZ, 05/08/2011. Sem paginação. Disponível em: <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/buecher/rezensionen/belletristik/leif-randt-schimmernder-dunst-ueber-coby-county-die-fetten-jahre-sind-die-besten-11115233.html> (26/10/2013)
- DAHLÉN, Micael. FELDHAUS, Timo. Leif Randt und CobyCounty. “Aber da leben, nein danke.” In: *De:Bug*. No. 158. Berlin: Debug, 30/12/2011. Sem paginação. Disponível em: <http://de-bug.de/mag/8744.html> (7/09/2013)
- HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. (1932) Trad.: Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2009.
- KRACHT, Christian. *Faserland*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1995.
- KREKELER, Elmar. Leif Randt verschmilzt Utopia und Prenzlauer Berg. In: *Berliner Morgenpost*. Berlin, 05/08/11. Sem paginação. Disponível em: <http://www.morgenpost.de/kultur/article1722979/Leif-Randt-verschmilzt-Utopia-und-Prenzlauer-Berg.html> (17/09/2013)
- LOICHINGER, Stephan. Lässig sein bringt Stress. In: *Frankfurter Rundschau*. Frankfurt am Main: 27/01/2013. Sem paginação. Disponível em: <http://www.fr-online.de/freizeitipps/leif-randt-laessig-sein-bringt-stress,1474298,11520736.html> (17/09/2013)
- MEYER, Stephan. *Die anti-utopische Tradition*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2001.
- MORUS, Tomás. *A Utopia*. (1516) Trad.: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- PAIK, Peter K. *From utopia to apocalypse. Science Fiction and the politics of catastrophe*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- PLUMPE, Werner. Konsum. Ökonomiekolumne. In: *Merkur* 7, 2013, 619-627.
- RANDT Leif. *Schimmernder Dunst über Coby County*. (2011) Berlin: Bloomsbury, 2012.
- ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. Trad.: Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.

recebido em: 01/03/2014

aceito em: 01/05/2014